



OBSERVADOR

texto CIRO PORTO e fotos LIANA JOHN

TERRA DA GENTE

Jardins suspensos



Olhai as aves do campo, que não semeiam nem ceifam...”

Já escrevi aqui sobre a questão de as aves não semear e sim dispersarem sementes, uma vez que nenhuma ave tem intenção de semear e, sim, apenas desprezar o que não é aproveitado. Mas é fato que esse ‘desprezo’ contribui, e muito, para renovação de florestas.

Esse é um dos numerosos exemplos de interação que podemos observar na natureza. E o que mais me chama atenção é o fato de, à luz do raciocínio e da lógica, tratarmos esse e muitos outros exemplos de mutua-

lismo e simbiose como sendo produto de atividades inconscientes.

Considero fascinante o fato de a vida se manifestar nas mais diversas formas, o que chamamos de biodiversidade. Acho uma perfeição o fato de as formas de vida ‘conspirarem’ para a conservação do todo. Não há como negar que a diversidade existe em uma unidade, onde cada parte colabora com o todo. E é justamente aí — ousou dizer — que as relações entre os seres vivos não podem ser inconscientes. Podem não ser lógicas, podem não ser produto de conhecimento e muito menos de racio-

cinio, mas creio que são conscientes. Talvez diferente do que costumamos considerar a consciência em nosso cotidiano, como uma consciência muito maior, a qual não alcançamos.

Acredito nisso pelos fatos observados. Já visitei florestas preservadas, o fundo do mar e outros ambientes onde o nosso desenvolvimento ainda passa longe. E o que encontrei nesses lugares foram exemplos de natureza perfeita.

Será que o fato de sermos racionais nos dá o direito de considerar todas as formas de vida inconscientes? Não seria presunção de nossa parte nos considerarmos tão superiores? Pense um pouco sobre isso. Ou então considere toda a humanidade consciente e empurre para baixo do tapete toda a destruição que provocamos no planeta, quase sempre gerada ou associada ao nosso comportamento de ‘donos’ do mundo e de todos os seus recursos, sem levarmos em consideração todas as outras milhares de formas de vida.

Olhai as aves do campo que não semeiam e nem ceifam... Elas vivem o cada dia, o agora. Alimentam-se do que a natureza oferece e, conscientemente ou não, contribuem com o todo. Elas estão ligadas à unidade da vida. Nós perdemos esta ligação, se é que algum dia a tivemos.

Não é preciso ir a uma floresta para perceber o conflito que existe entre a nossa consciência e a consciência da vida selvagem. Com a chegada do frio, agora em junho, a oferta de frutos diminui. Porém, no alto de muitas árvores, no campo ou nas cidades, frutificam o que chamamos de erva-de-passarinho e consideramos erva-daninha.

Muitas espécies de aves — como a fi-fi (*Euphonia chlorotica*), o sanhaço-cinza (*Thraupis sayaca*) o gaturamos-verdadeiro (*E. violacea*) e até o gatu-



ramo-rei (*E. cyanocephala*) – enxergam um oásis onde vemos uma praga. Um jardim suspenso capaz de lhe garantir o 'pão de cada dia'. O gaturamo-rei, por exemplo é um migrante de inverno e aparece na região Sudeste em parques e bairros mais arborizados entre abril e junho, quando recorre aos frutinhos desses 'jardins'. Talvez você diga que a erva-de-passarinho é um problema. Do nosso ponto de vista,

é verdade: em várias cidades, a erva-de-passarinho infesta uma grande quantidade de árvores. Porto Alegre orgulha-se de ter mais de um milhão de árvores, e 8% delas estão infestadas. Em Curitiba, a estimativa é de ocorrência de erva-de-passarinho em quase um terço das árvores.

O nome vulgar erva-de-passarinho, vale lembrar, é usado para designar cerca de 1.500 espécies de plantas, divididas em 40 gêneros da

família Loranthaceae. Elas se alimentam da seiva de árvores lenhosas e se espalham graças à dispersão de sementes promovida pelas aves, de onde vem o nome comum. Mas são consideradas hemiparasitas, ou seja, parcialmente parasitas, pois roubam nutrientes da árvore hospedeira, mas realizam a própria fotossíntese (e não matam a hospedeira).

Bem, agora vejamos, se são as aves que dispersam as sementes da erva-de-passarinho, não seria porque os frutos são importantes para a sua sobrevivência? E não seria, talvez, a falta de outras plantas frutíferas a causa da ampla disseminação da erva-de-passarinho?

Via de regra, os projetos paisagísticos das cidades desconsideram as necessidades das aves e levam em consideração apenas o nosso gosto estético. Assim, temos alamedas onde existem apenas ipês, que alimentam beija-flores por poucos dias na época da florada e no restante do ano servem apenas de poleiro para a maioria das aves. Temos ruas e avenidas inteiras onde uma mesma espécie de árvore se repete. Fica evidente a nossa falta de consciência maior em tentar diversificar as espécies de árvores plantadas, para garantir que as aves tenham oferta de alimento variada e durante todos os meses do ano, como ocorre nas matas nativas. Sem isso, o resultado não poderia ser outro: as aves precisam criar seus próprios jardins suspensos, as nossas pragas.

Ao observar as aves que não semeiam nem ceifam, tenha certeza que a unidade à qual pertencem – ou seja, a consciência superior – cuida delas. E cuidará também de nós, se fizermos nossa parte. Em outras palavras, precisamos acessar novamente essa consciência que perdemos, precisamos voltar a fazer parte de algo maior.